



Gaiato

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RON

3 de Janeiro de 1998 • Ano LIV — N.º 1404
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes • Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Cinquenta anos da Casa do Gaiato de Lisboa

NO dia em que nos reunimos para celebrar os cinquenta anos de existência da nossa Casa do Gaiato de Lisboa, somos forçados a olhar para o passado e recordar aqueles que estiveram desde o início e todos os que depois continuaram. Sobre o início, encontrei esta acta:

«Foi inaugurada esta Casa do Gaiato de Lisboa aos quatro dias do mês de Janeiro de mil novecentos e quarenta e oito, com cinco rapazes vindos da Casa do Gaiato do Porto e cinco da Casa de Coimbra. Os nomes deles são os seguintes: 1 — Carlos Alberto da Silva Freitas, 16 anos, de Lisboa; 2 — Constantino, de Coimbra; 3 — João Pedro Sá Lebre, 15 anos, da Figueira da Foz; 4 — José Ernesto, 14 anos, de Oleiros; 5 — Alfredo Pereira Serra, de

Manteigas; 6 — Mário Prudêncio Teixeira, 13 anos, de Bonfim; 7 — Manuel Maria Dias, 15 anos, Lourical; 8 — Mário, falecido em 1949; 9 — Octávio Mendes Peres, de Coimbra; 10 — Quintino de Almeida e Silva, 13 anos, de Cesar, Oliveira de Azeméis.»

Depois a Casa começou a encher: primeiro o Virgílio, natural do Beato; seguiu-se o Pedro João, da Figueira da Foz e o Augusto, de Coruche. Depois, até hoje, os nomes e as vidas sucederam-se e para o milhar faltam apenas seis.

Também os Padres se foram sucedendo. Padre Adriano, falecido em 1983, arrancou com as obras do Palácio, a reconstrução da Igreja e a organização da Casa até 1956. Seguiu-se Padre Baptista e Padre José Maria. Responsável pela quase totalidade do Parque

construído na nova Aldeia e durante mais de 25 anos a Casa esteve ao cuidado de Padre Luiz, até 1990.

As Senhoras são sempre o coração de uma Casa do Gaiato. O seu trabalho silencioso mas próximo das feridas da alma e do corpo de cada miúdo marcam a humanidade de uma casa. Esta teve a marca duradoura de D. Virgínia e de D. Helena. Outras foram estando, cada uma com seu perfil, suas capacidades e seu muito amor: D. Rosa, D. Teresa, D. Joaquina, D. Maria José, Irmã Clarisse, D. Belmira, e, actualmente, D. Maria Conceição Gaspar, Professora Conceição dando um empurrão aos mais necessitados escolarmente, e D. Lídia Santos.

Também os mestres de oficinas fizeram esta Casa:

Continua na página 3

A Palavra do Senhor Bispo

CELEBRAM-SE cinquenta anos sobre a implantação da Obra do Padre Américo na diocese de Lisboa com a abertura da Casa do Gaiato do Tojal. Quero recordar, antes de mais, o discernimento lúcido do Patriarca de Lisboa de então, o Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira. O Padre Américo era um carismático tão determinado na sua «loucura», que competia ao Bispo correr o risco de acreditar que essa loucura não era simplesmente humana, mas a loucura do amor cristão, levado às últimas consequências. Compete ao Bispo fazer o discernimento dos carismas em ordem à sua orientação para o crescimento da Igreja e realização da sua missão.

Instalou-se a Obra na antiga residência de férias dos Patriarcas de Lisboa, outrora nacionalizada e recentemente entregue à Igreja em usufruto, com a finalidade específica de aí instalar uma obra social. A distância é difícil não ver o dedo de Deus numa convergência de elementos que tornaram possível esta magnífica «casa de família» para tantos rapazes sem família.

A sua actualidade continua flagrante. Ela é um grito a proclamar a dignidade de cada criança que nasce e a responsabilidade colectiva da comunidade em relação a todas as crianças, que se deve manifestar no apoio e defesa da família, mas também na substituição da família quando esta não existe ou falha dramaticamente.

E a comunidade percebeu-o. Os apoios materiais não têm faltado à Obra da Rua. Não lhe hão-de faltar igualmente a dedicação daqueles e daquelas que dão à Obra um pouco do seu tempo e muito do seu amor.

Entregue à «Obra dos Padres da Rua», ela é uma casa em que a diocese se empenha e se compromete. Agradeço a todos os padres que a têm servido na Casa do Tojal e peço a Deus a graça de sacerdotes que sintam o chamamento específico para esta Obra magnífica, no seguimento dos sacerdotes do presbitério de Lisboa que a ela se entregaram, o Padre Carlos Galamba, o Padre António Baptista, o Padre José Maria.

Os gaiatos são hoje uma vasta família, ou melhor, nesta grande família que é a Igreja de Lisboa, muitos dos seus membros descobriram a vida e a fé no lar acolhedor da Casa do Tojal.

† José da Cruz Pollicarpo
Arcebispo Coadjuutor do Patriarcado

FAZ cinquenta e oito anos estes dias que a Obra da Rua desabrochou em Casa do Gaiato, o seu primeiro fruto estável, realização comprometida para todos os dias e para o futuro do garoto das ruas que cresce e cresce sem destino a não ser o da planta estéril e incómoda que se corta e varre na hora em que a sociedade dita organizada lhe sente o estorvo.

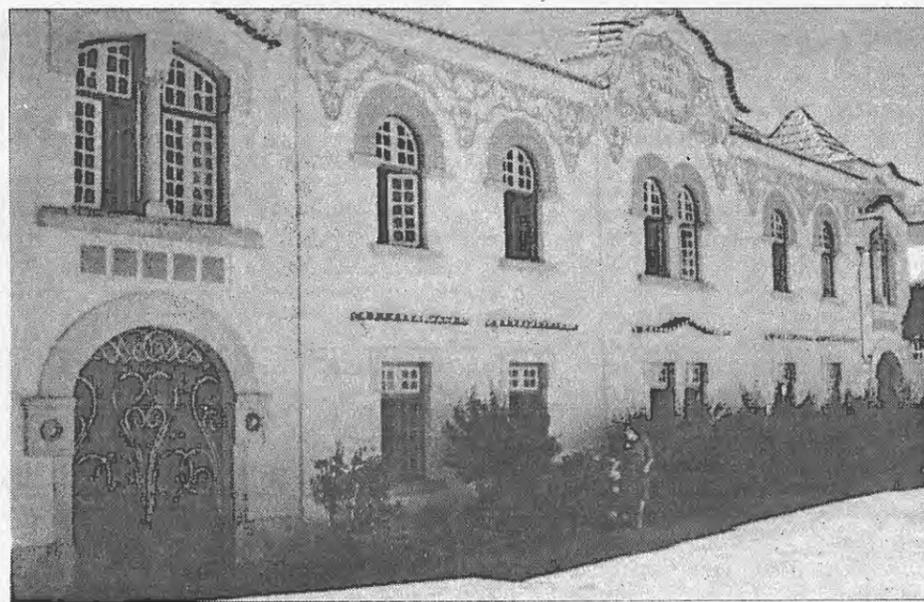
Pai Américo, durante os oito anos que andou pelas ruas, já com missão do seu Bispo, observou, tomou o pulso, sofreu com os que sofrem — e pôde assim diagnosticar com certeza fundada que o mal desses garotos era a ausência de uma família, ou a disfunção dela, para usar termo em voga neste nosso tempo cheio de palavras sonantes e vazio de conteúdos. Homem de tarimba, de coração ao Alto e pés bem assentes, não cedeu à tentação megalómana de tudo remediar de uma assentada. Guiou-se pela urgência e pela esperança de uma cura a tempo de produzir efeitos salutares. Por isso a criança foi o seu amor primeiro. Mas, desde então, nenhuma outra voz falando português se levantou mais alto do que a sua em defesa da Família, denunciando injustiças e vícios que a faziam enferma e sugerindo remédios, talvez caseiros mas eficazes — até à hora de Deus em que desabrochou o seu segundo amor, o Património dos Pobres, tendo em vista satisfazer essa condição fundamental para haver Família que é uma habitação digna de seres humanos.

Foi pouco ouvida esta voz, que tão bem falava o português — e o que foi, foi mais pelo Povo que pelos Poderes, que desperta-

Uma palavra nova

ram um tudo nada, é verdade, mas não o necessário para uma séria, para uma prioritária Política de Família que, ao longo destes cinquenta e oito anos, nunca se viu nem ainda se vê. Quem a assume? Quem a põe em acto com os olhos sempre postos nela? Quem a

defende como «sua dama», numa posição vértice de convergência de tantas outras acções que, afinal, divergem ao sabor de entusiasmos avulsos, de interesses mesquinhos, de oportunismos de momento? Corolários postos na vez do teorema principal — sim, é isso que se vê!



Miranda do Corvo — Aqui nasceu a primeira Casa do Gaiato.

Pai Américo escreveu que «todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão». Este o seu pensamento basilar, a pedra de ângulo de toda a sua acção. Ninguém, mais do que ele, quer à Família. Por isso gerou a sua Obra com este ser: «Família para os sem-família». Por isso ao longo destes cinquenta e oito anos, quantos centos de famílias válidas, valorizadoras do contexto social, não saíram deste berço que Pai Américo construiu apaixonadamente tal como as aves fazem os ninhos para os seus filhotes e neles os sustentam e deles os ensinam a voar!

Sai ontem manhã cedo e regresso noite alta de Miranda do Douro aonde fui casar um filho. Há quinze dias foi no Porto, o casamento de uma neta. Baptizar netos e bisnetos é agora tarefa corrente e saborosa dos padres da rua. «Coração oposto ao mundo! Como a Família é verdade!»

«Somos uma palavra nova» — disse e repetia Pai Américo a explicar a surpresa e a incompreensão de tantos! É verdade! Cinquenta e oito anos depois, continuamos a «ser uma palavra nova»! O Povo entende-a bem. Não assim os importantes da nossa praça, cheios de teorias que confundem com o saber. Esses arrastam grandes dificuldades.

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOLOROSO CALVÁRIO — É viúva. Sofre doloroso calvário. Agora, mais empolado com a doença grave dum filho solteiro.

— *S'á sequinho, sequinho com'as palhas...*, afirma ela, banhada em lágrimas.

E continua:

— *O médico diz q' o mal é do fígado; é do fígado...*

Para além do sacrifício do ganha-pão, dos males do rapaz (presta-lhe todo o seu amor de mãe), está mortificada com um pesado compromisso à Banca (comedora de juros...). Isto fá-la viver em permanente rio de lágrimas porque, apesar de pobre e necessitada, procura cumprir, solver o encargo com enorme sacrifício!

Estamos deitando a mão na medida do possível, com fé e esperança de se levantar esta gente; de se aliviar a sua dor permanente — que não é pequena!

PARTILHA — Topamos muitos peregrinos louvando o Natal do Senhor Jesus!

Vila Nova de Gaia: assinante 1121 torna com um cheque «para alegrar nesta época, em que tantos precisam de ajuda, mais uma família necessitada». Bagueim do Monte: outro dito, da assinante 61995, «simbólica ajuda para o que acharem mais necessário». Alice, de Coimbra, outro ainda para as «broinhas de Natal dos Pobres». Porto: cinco mil, da assinante 58051 «para a ceia de Natal». Cova da Piedade: assinante 18909 traz a consoada «para uma família». Assinante 27177, de Lisboa, minora «carências dos Pobres» com dez mil. Idem, da assinante 9708, de Coimbra, cuja missiva tem um pensamento: *Amarás a Alegria como um imenso presente de Deus depositado no coração do homem*. Valbom (Gondomar): resto de contas, do assinante 14850.

Outros Amigos, assíduos: assinante 23311, de Setúbal, cinco mil. Alvide (Cascais): resto de contas, da assinante 27044 — *queria escrever coisas bonitas, mas as minhas limitações não me ajudam*. Humildade.

Senhora da Hora: assinante 57002, que aparece assiduamente, parte de um cheque; e *Jesus desperte, em todos nós, a vontade de ajudar os Pobres*. Outra cara conhecida: assinante 31254, de Fiães, cinco mil; a carta traz um pensamento de W. Mare — *«Para a cada momento a olhar as coisas belas!»* Espinho: cheque da assinante 20856 «destinado à minha contribuição do segundo semestre/97 e mais uma pequenina ajuda para o Natal».

Repeses (Viseu), assinante 27527 com «pequena gota de água para minorar as carências de famílias a viver em condições desumanas»; invocando, ainda, S. Tiago 2, 26: *«Assim como o corpo sem alma é morto, assim também a fé sem obras é morta»*. Óbolo do assinante 32986, do Porto, e um «fraterno

abraço» que retribuimos com amizade. A assinante 14493, traz «partilha que posso realizar». Agora, vem lá um grupo que surge de vez em quando: Agualva — Cacém, assinante 33337 passa o seu donativo «ao mar das necessidades». A. S. R., assinante 29845, «pequena ajuda» de cinco mil. Faro: delicada remessa, de roupa, da assinante 27208. Silvalde, com «um remanescente para o que precisardes» — pela mão da assinante 8527. França: o nosso Licínio com cinco mil; levou, para lá, o gosto de amar os Pobres. Porto, idem, da assinante 34449 que lê, «sempre, o querido GAIATO». Ainda, do Porto, discreto sobredito de Maria Amélia, com dois mil, cujo «destino vós sabeis melhor do que eu». A Caridade é assim! Agoncida (Mosteirô): seis mil, do assinante 39967, e «um até breve». Goães (Vila Verde): óbolo da assinante 6205 que pede desculpa «da caligrafia e da redacção da carta». Delicadeza cristã!

Fecha a coluna o assinante 11794, de Albergaria-a-Velha, com um donativo para «aliviar um pouco a dor do incurável que necessita de sete medicamentos».

Retribuimos os votos de santo Natal e Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

NATAL — Os rapazes estão muito contentes porque receberam as prendas de Natal. Fizemos a festa no domingo, 21 de Dezembro. Houve pessoas amigas que, no mesmo dia, trouxeram para nós muitos brinquedos, roupa e outras coisas boas. O presépio ficou lindo!

ESCOLA — O primeiro período terminou em 17-12-97. Alguns meninos não tiraram boas notas. Mas, outros, muito boas. O segundo período começará em 5-1-98.

DESPORTO — O campo de futebol está molhado por causa da chuva. Os rapazes não

jogam futebol à chuva porque podem constipar-se.

O rectângulo está bonito com o muro à volta e as sebes.

CASAS NOVAS — Já estão quase prontas. Faltam as calçadas porque o calçeteiros têm faltado ao serviço.

RETIRO — Os nossos rapazes que fizeram Retiro em Sintra chegaram muito contentes e felizes. Agradecem ao sr. Padre Armando que orientou o Retiro. E, à D. Lurdes, a boa comida que fez.

Bruno do «Alcixo»

PAÇO DE SOUSA

ROUPARIA — As senhoras da rouparia estão muito atarefadas porque nos mandaram muitas prendas e roupas, graças a Deus.

Os mais velhos ajudam a embalar as prendas e a fazer doces.

A responsável por isto é a tia Jeca.

VISITAS — Porque é Natal, temos recebido muitas. Excursões de adultos, jovens e crianças que apesar do mau tempo não deixaram de conviver e disputar um jogo de futebol connosco. Ganhamos quase sempre, é claro.

Hoje, 22 de Dezembro, recebemos mais uma excursão. Visitaram a nossa quinta e, depois do almoço, fizemos um jogo de futebol. Ganhámos por 8-5.

Disponibilizámos o salão de Festas porque estava a chover.

NATAL — Em 24 de Dezembro fizemos a nossa vida normal até à hora do almoço.

Durante a tarde, os maiores acabaram os preparativos para a festa e os miúdos brincaram até às 16,30 h.

Depois, fomos tomar banho. Voltámos a fazer a vida normal: Terço e jantar. Arrumada a cozinha e os refeitórios, uma pequenina festa no salão ainda não acabado. Às 23 h, foi a *Missa do Galo*. Depois, tomámos o cacau, recebemos as prendas e fomos dormir.

No dia seguinte poderíamos estar recolhidos até mais tarde se os mais pequenos não fizessem tanto barulho com os brinquedos — o contentamento.

FÉRIAS — Começaram, tanto para a escola primária como para a secundária. Por isso, estamos todos ocupados, cá em casa, com várias tarefas: prendas, limpeza geral às casas, enfeitá-las, etc.

Rui Silva

TOJAL

CINQUENTA ANOS — O dia 4 de Janeiro próximo é uma data muito importante para a nossa Casa — comemora cinquenta anos — e porque haverá festa, já começámos os preparativos, entre eles uma boa limpeza do pavilhão.

OFERTAS — Como estamos na altura do Natal, muitas pessoas amigas têm oferecido, nomeadamente, roupa, material escolar, brinquedos e produtos alimentares. Muito obrigado.

AULAS — O primeiro período chegou ao fim. Esperamos que os estudantes tenham boas notas, apesar de o primeiro não ser muito importante, mas, na verdade, também conta.

PASSEIOS — Ultimamente muitos rapazes têm ido a espectáculos de circo, graças a bilhetes que nos têm oferecido, como já é habitual, todos os anos, por esta altura.

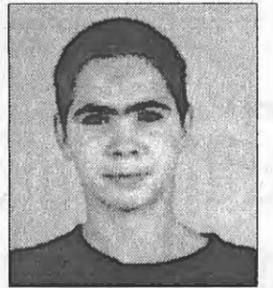
FESTA — A nossa escola primária, juntamente com a da nossa Aldeia, realizaram, no salão, uma bonita festa de Natal, no sábado, dia 20. Depois, houve uma deliciosa merenda no antigo bar.

VISITAS — Temos recebido muitas delas: em passeios escolares, de comunidades cristãs, etc. São pessoas que gostam de saber como vivemos. No dia 14 de Dezembro vieram os jovens da catequese de Cristo Rei, da Portela, que passaram todo o dia connosco. A Missa foi celebrada em conjunto. Na parte da tarde houve jogos colectivos e, por fim, deliciámo-nos com uma boa merenda.

Arnaldo Santos

RETALHOS DE VIDA

«Balãozinho»



O meu nome: António Miguel Nogueira de Pinho. Alcunha: «Balãozinho».

Nasci em 2 de Outubro de 1983, na freguesia de Castelões, concelho de Vale de Cambra, distrito de Aveiro.

Antes de vir para a Casa do Gaiato, vivia com os meus avós e com os meus pais.

Naquele tempo, gostava de estar na minha casa porque ajudava a minha mãe a fazer tudo. Ela era minha amiga. No entanto, o meu pai era um homem muito gastador... E nós vivíamos com dificuldades...!

Vim para a Casa do Gaiato com cinco anos. Gosto muito de cá estar. São todos meus amigos. Como muito bem e ando quentinho. Passo os dias a estudar, a procurar cumprir a minha obrigação e a brincar.

Frequento a quarta-classe e gosto de estar na escola.

Eu não sei como será o meu futuro quando for grande.

António Pinho

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Numa das últimas reuniões, o presidente perguntou como iria ser o Natal dos nossos Pobres.

O casal encarregado de fazer as contas, alertou para o facto de o cofre estar vazio. Ficámos tristes porque, mais uma vez, vamos ter de nos conformar com aquilo que temos e que dará para pouca coisa; isto se os nossos Amigos não vierem em nosso auxílio. No entanto, como temos confiança no Senhor, com certeza, no momento próprio não faltará com o necessário. Assim como não faltou nas Bodas de Caná, na multiplicação dos pães e em tantos outros momentos de aflição.

Não podemos esquecer Pai Américo que, tantas vezes, saía de casa sem tostão no bolso para visitar os seus amigos do Barredo. Pelo caminho, aparecia um: — *Olha fulano...* Depois, outro... E quando chegava ao local metia a mão no bolso e não fazia conta ao que dava.

Nós também temos tido essa experiência. Quantas vezes não sabemos o que levar aos nossos Amigos daquelas bandas. Mas, às tantas, chega um envelope que vai dando para tapar furos. Talvez o Pai do Céu queira que seja assim, para que não percamos o sentido da pobreza. Deus escreve direito por linhas tortas.

É assim o Pai do Céu. Ele cuida de nós, à Sua maneira. Mas nós é que não temos fé (a tal fé do tamanho do grão de mostarda). Mas Pai Américo tinha. Não fora isso, e não teria conseguido esta Obra tão grande.

Vivemos o tempo do Advento. E, vivê-lo, é iluminar a nossa experiência com a fé. Por isso, temos fé que o Senhor está connosco, neste trabalho em favor dos irmãos mais carenciados. Contamos levar-lhes o bacalhauzinho, as guloseimas de que tanto gostam, nesta quadra, em que Jesus vem aquecer os nossos corações.

Esperamos, pois, que tenham vivido o tempo do Advento em caridade para, de mãos dadas, proporcionarmos aos Pobres, um santo Natal; mais suave, no ambiente da sua pobreza, que mais não lembra do que a pobreza em que nasceu o Salvador.

Uma Leitora pergunta se recebemos ajuda do Banco Alimentar. A nossa Conferência ainda não.

«Quim do Porto»

Correspondência de família

Conforme havia previsto, vim à Tailândia durante umas semanas. Isto é, acabar aqui um dos projectos da Empresa, que foi iniciado em Portugal e esteve sob a minha orientação e que consiste no desenvolvimento de uma técnica de impressão com secagem ultravioleta.

As coisas estão a andar bem, os resultados começaram a ser analisados e penso que, dentro de um mês, estarei de volta. No início do ano vou recomençar a minha vida profissional em Itália.

A Tailândia é um país bonito. Terra de frutos exóticos, comida picante e paraíso das orquídeas. No entanto, tanta miséria... impede-nos de apreciar aquilo que o país tem de bom. A cidade de Pattaya é o Estoril da Tailândia, mas desde regras, falta de saneamento básico, infra-estruturas e prostituição, fazem que o local deixe de ser um paraíso para passar a ser um inferno. Apesar de tudo, a simpatia das pessoas, a calma com que enfrentam os problemas e o calor relegam para segundo plano o que atrás acabo de dizer.

As diferenças culturais são tão grandes que me levam a dizer: — *Ainda bem que tomei a decisão de não vir para aqui! Não conseguiria viver aqui muito tempo, pese embora o calor humano que é puro e simplesmente arrebatador. Não somos nada ao pé deles.*

Penso ir aí antes de seguir para Itália.

Até lá, receba um abraço e cumprimentos para todos, do vosso sempre,



TRIBUNA DE COIMBRA

Pedi ao Menino Jesus...

... QUE ME DESSE como prenda de Natal muita paciência. Ela é necessária a toda a hora para poder estar disponível e acolhedor. São muitos rapazes e cada um requer um conhecimento único. Eles têm esse direito que nem sempre coincide com a nossa capacidade de escutar cada um. Por isso, julgo ter feito um bom pedido...

Mas nesta altura do Natal não são apenas eles. São também os familiares de alguns que aparecem a exercitar-nos. Às vezes, gente que nos compreende e não exige mais; outras, com exigências desmedidas. Gente que, no fundo, também tem muita dificuldade em encontrar o sentido do Natal; que precisa de ser ouvida e acolhida.

Entre eles, a mãe do «Buraca» que arrastou o filho consigo. Não conseguiu distanciamento lógico entre os seus problemas complexos; e o miúdo foi, ilusoriamente, como uma possível solução. É um desastre. Os pais dos «Capazuqui», três adoráveis irmãos alentejanos, apoiados numa decisão judicial unilateral, arrastaram-nos também consigo. Estes ainda contam com a avó. E quando lhe faltar a saúde? Quem lhes mata a fome? Irão roubar? Outras decisões judiciais surgirão, com certeza!

A natureza humana tem muita força. Mas só a força espiritual a consegue superar, dar-lhe dimensões mais profundas. E, quando se trata da paternidade ou da maternidade, então essa força é mesmo uma exigência ética fundamental. Senão, predomina o capricho e então é um desastre. Lá está a legislação reguladora do poder paternal, é certo, afinal, de um poder sem autoridade verdadeira porque, em matéria de educação, toda a autoridade deve assentar no amor do adulto e sem contrapartidas. Muitas vezes as crianças são as últimas peças a ter em conta no acerto familiar.

Aos pais naturais — a maior parte dos nossos só os tiveram na geração — faltou essa força espiritual que os tornaria competentes para a difícil missão de educadores. Vem a propósito recordar o pensamento lapidar de Pai Américo: «Quem quiser educar tem de ajoelhar».

No Natal e quase a iniciarmos um novo ano civil pedimos ao Deus-Menino e Sua Mãe — Grande Educadora — para nós e para todos os pais esta graça de sermos atentos, disponíveis e humildes para com aqueles que Deus nos confiou.

Padre João

Somos pais de quatro filhos, o mais novo deles titular da nossa assinatura. Estivemos recentemente em África, em Maputo, em trabalho de colaboração: foi uma grande, rica e, às vezes, dolorosa experiência... Queríamos ter ido à Casa do Gaiato e não nos foi possível; por isso, o vosso número 1400, de 8 de Novembro (mês do nosso regresso) com a sua grande reportagem sobre «Moçambique»... completou a nossa Missão! Como o Espírito é Grande e Santo!

Cartas

Por isso, neste Natal, destes 50.000 gostaríamos que 40 fossem para tantos meninos nascidos nas «palhinhas» de Maputo e que encontrem o seu Presépio no Lar do Padre Américo.

Contamos com a força da vossa oração e dos vossos corações! Um santo e feliz Natal na Harmonia e Alegria do Presépio!

Assinante 58972

Caminhamos apressadamente para mais um Natal nas nossas vidas.

As coisas passam velozmente por nós e muitas vezes nem sequer temos tempo para pensar e refletir nas angústias e necessidades dos nossos irmãos. É um mundo frenético, materializado nas coisas vãs da vida. Eu sinto que a minha vida anda com demasiada pressa e só com a ajuda de Deus poderei refrear um

pouco essa velocidade e colocar o meu olhar noutras vidas.

Assinante 40907

Sou Padre Salesiano. Encontro-me há 22 anos a trabalhar na Alemanha com os emigrantes portugueses.

Desde a minha juventude que admiro imensamente a Obra do Padre Américo, e os seus colaboradores. Sempre desejei visitar a vossa Obra e conhecê-la pessoalmente, mas nunca tive oportunidade, pois o trabalho contínuo não me permitiu. Tenho recebido regularmente O GAIATO, que aprecio muitíssimo e leio de cabo ao fundo.

Gostava tanto de conhecer-vos pessoalmente para vos manifestar a minha grande devoção pelo trabalho sacerdotal e humanístico e agradecer o bem que tendes feito a Portugal e à Humanidade.

Aqui vão os desejos de um santo Natal e feliz Ano Novo.

Assinante 65274

DOCTRINA



As feridas que o dinheiro faz, curam-se com dinheiro.

As cartas que eu recebo todos os dias, dos quatro ventos da terra, a respeito dos livros que publico, não são de mostrar a ninguém com medo que me roubem o espírito que as faz ditar; trazemos os dons de Deus em barro quebradiço e, num instante, podemos ficar sem nada. Sim, não se mostram. Hoje, porém, não resisto à força que me impele a transcrever e a comentar uma delas para ser documento. Envelope grande, lacrado e registado. No rosto, o nome do Padre Américo peço e seco. Dentro, papel fidalgo, sem linhas. À esquerda, a óleo verde, as armas de Portugal que, para serem reais, só lhes faltava a coroa — não se tendo ainda descoberto nem definido a preceito qual o acerto em retirar daquelas, esta.

A letra é rasgada, boa de ler e diz assim: «Os artigos publicados no Diário Popular levaram-me a comprar os seus livros, que desconhecia. Li-os com minha Mulher junto de mim e só sei que lágrimas sem conta correram dos nossos olhos. Lágrimas de pena, de imensa piedade por tantos e tantos que sofrem». Olhos marejados dobram de beleza quando o sentimento de piedade pelos que sofrem, é que os faz chorar. As lágrimas artificiais são feitas de brilhantes; qual será a matéria das naturais — das que choram pelos que choram?! «No final da leitura, minha Mulher lembrou-se que eu tinha guardadas, num velho sobre-crito, as duas notas de quinhentos escudos que o meu Querido e Saudoso Pai conservava na carteira, no momento da sua morte.» As maiúsculas que o autor emprega, nos nomes e atributos da família, são verdadeiras iluminuras. A vida interior deste senhor há-de ser necessariamente cheia de luz; o seu Lar, um santuário com ressaibos de Nazaré. «E, revendo-nos na felicidade que nosso Senhor nos concedeu, dando-nos três filhinhos que são a nossa alegria, e que vivem longe dos cuidados e preocupações, pensava que melhor destino não poderia ter esse dinheiro do que ser uma gota de água para matar a fome e saciar a sede aos que se acolhem a si. Quando ela me disse que sim, só soube agradecer, beijando-lhe enternecidamente a mão.»

As palavras que se dizem, mai-las coisas que se deixam à hora da morte, vestem-se da solenidade do acto e são sempre palavras preciosas e coisas da mesma sorte, quando a morte é preciosa. Estas duas notas, porque testemunhas de uma morte preciosa, deixam de ser aquele rele papel que suja as mãos da gente; e são alívio da fome e da sede dos que as sofrem. A ideia desta transformação partiu da Esposa, segundo o texto da carta; e o beijo na mão dela foi a paga do Marido. Oh, que grande sacramento não é o Matrimónio — na Igreja!

De uma vez, em um lar de Lisboa, à Estefânia, um senhor tirou de um cofre uma nota de quinhentos. Os seus olhos deram, na maré, nos da Esposa e do encontro veio outra nota de quinhentos; e ela agradeceu também com um beijo. Aqui foi às avessas, mas é tudo fruto de uma mesma Bondade. Senhor Jesus! Como é profundo e escondido aquele «não sabeis de que espírito sois», do Evangelho! «E se não remeto incógnito, é porque sou feito de muito mau barro e quero pagar por ter cumprido com o que eu chamo o meu dever; e a paga que quero, mais ainda, que exijo, é esta: que saiba que pode contar sempre com quem é já seu amigo verdadeiro.» Não são cartas encomiásticas, esta que hoje se revela e infinitas que se não dizem; são documentos.

O Semeador da Parábola sai a lançar semente às mãos cheias, sem se Lhe dar onde ela vai cair para que toda a terra a receba. Mas nem todos a recebem da mesma sorte. Há uns que se entusiasmam com a leitura dos livros e batem palmas e dizem mal de Pedro e de Paulo porque Pedro e Paulo não leram ou, se o fizeram, não gostaram. Há outros que lêem e gostam e propõem grandes coisas em seu coração; porém, os seus negócios, os seus reccios, o seu rico dinheirinho impedem de brotar. E, finalmente, há os que lêem para si mesmos e prestam atenção e vão direitinhos à ferida, curando as suas próprias com a cura dos mais. Toda a terra recebeu a semente, mas nem toda frutificou. Quem tiver ouvidos de ouvir, que ouça. Sim, cada carta é um documento. Ai de mim se olhasse para estas cartas e lesse nelas a minha pessoa e o meu apostolado e o meu valor, como quem lê o seu próprio escudo de armas — eu, poeira dos caminhos, folha que o vento leva! Ai de mim se não desse a Deus aquilo mesmo que é de Deus!

P. Américo

(Do livro Pão dos Pobres — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Tiragem média do GAIATO, por edição, no mês de Dezembro 69.700 exemplares.

SAIBAMOS REPARTIR

O PÃO — Ana Maria, de Lisboa, 3.000\$00. J. R. D., 5.000\$00. Dez mil escudos de Maria de Fátima, do Porto. A nossa Conferência é restrita aos casais gaiatos. No entanto, sempre que o desejar, pode fazer-nos uma visita, na morada que indicamos no final da crónica. Mas, atenção, as reuniões são quinzenais. Carminda, do Porto, 10.000\$00. Dois mil e quinhentos escudos de M. Teresa. Cheque, de 40.000\$00, de José Augusto. Póvoa de Varzim, cheque de 5.000\$00, de Isaltina. Assinante 9708, com 15.000\$00. Vinte mil escudos da assinante 26040. Cheque de 10.000\$00 da assinante 58452. Anónima, de Lisboa, 5.000\$00. Maria Emília, vale de 20.000\$00.

A todos o nosso muito obrigado, e o Menino Jesus vos tenha dado um santo Natal.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdeimar

Cinquenta anos da Casa do Gaiato de Lisboa

Continuação da página 1

na carpintaria foi o sr. Duarte, o Toninho, o Miranda, o sr. Aquino e actualmente o sr. José Casimiro. Na serralharia estiveram os talentos do sr. Simão, Seco e, neste momento, do Henrique. A tipografia foi andando guiada pelo Rodrigues, o Xico José e depois, até hoje, o sr. Amaral. No campo o sr. Rafael foi dando a conhecer os segredos da natureza, sendo hoje coadjuvado pelo sr. José Ferreira. Nas obras pontificaram sr. Meló, ti Manel, ti Toino Parreira, sr. Jardineiro, sr. António e sr. Manuel.

Como numa Casa do Gaiato tudo o que se faz se transforma em escola, naturalmente que temos

também presentes todas as pessoas que passaram pela cozinha, pela lavandaria, pela rouparia, pelas limpezas. Todas estas pessoas ajudaram a construir os homens que daqui partiram para a vida.

Na nossa oração, às 15,30 h, de 4 de Janeiro, presidida pelo Sr. D. José Policarpo, toda a nossa vida estará presente, com toda esta gente que actuou na primeira linha. No entanto, é importante não esquecer todos os Amigos que, de perto ou de longe, nos deram os meios para podermos actuar. A maioria, dádivas anónimas que só Deus conhece, mas que nos fizeram acreditar no milagre do dia-a-dia e na presença de Deus. Quantos Amigos se aproximaram de nós e nos estimula-

ram! Para além das nossas palavras humanas que se ficam pelo muito obrigado, queremos ser agradecidos diante de Deus. Para todos pedimos as bênçãos de Deus e a todos consideramos companheiros de caminhada na realização do sonho que só a fé de Pai Américo podia inventar.

O Sr. D. José Policarpo quis escrever um pequeno texto a sair num pequenino opúsculo que terá o título: «A Casa do Gaiato de Lisboa e o Palácio dos Arcebispos em Santo António do Tojal», da autoria de J. Pinharanda Gomes e editado por nós. Deixamos também no O GAIATO esse texto sob o título: «A Palavra do Senhor Bispo».

Padre Manuel Cristóvão

CALVÁRIO

Era uma vez eu em África

A mandioqueira brava cresceu aqui para, nesta tarde, nos abrigar do sol escaldante. Acácia rubra posta junto, faz-lhe companhia e lança no chão pétalas macias para atapetar o solo que vamos pisar.

Visitantes amigos apressam-se a carregar bancos. E num instante somos onze a formar círculo naquela sombra acolhedora. A conversa principia animada para mui

breve cair no caos de vozes que se atropelam. Vou entrando neste tagarelar consoante posso, como criança que espera o momento exacto para saltar à corda.

O assunto, às tantas, é Natal. Todos lastimam que não haja frio, neve, fogueira para sentirem verdadeiramente o Natal. Todos têm saudades do Natal europeu.

Eu calo-me. Fico de fora daqueles pensamentos. Quero abrir a boca,

mas não sou capaz. Deixo sonhar, lamentar, sofrer a ausência das coisas efémeras. Mas estou com pena de que esta próxima festa ainda esteja ligada a acidentes tão pobres.

Aqui em África pode haver mais Natal do que em outras terras. Natal puro, verdadeiro, porque sem cenário tradicional.

Eu sinto mais o Natal nestas paragens: o Natal autêntico, o da Encarnação do Verbo.

Estas multidões de nativos esperam-nO, há milénios. Não sabem quem seja o Filho do Pai Eterno, mas anseiam por Ele. E Ele quer nascer no meio deles.

Vem connosco no peito desde a Europa. Encerra-se em nós para O darmos a este mundo gentio. Mas a gente guarda-O só para nós, ciosamente, egoistamente.

Temos razão, triste razão, para afirmar que não há Natal em África!

Mas que viemos nós fazer aqui a este continente tão vasto, tão esfo-meado?

Se Cristo tivesse nascido aqui no calor de África, éramos nós hoje, na Europa, que não tínhamos Natal por certo!

Os homens não entenderam o Natal.

— *Faz-nos humildes e abertos à Tua Luz!*

Padre Baptista

Benguela

QUANDO esta crónica poisar em vossas mãos, o dia de Natal já passou. Tenho pensado muito, nestes dias, em como dar sentido, cada vez mais, ao grande acontecimento celebrado na festa do Natal. Esta Festa não pode deixar-nos como estamos. Onde a Salvação chega, há mudança. O dinamismo deste acontecimento, quando a parte do coração está aberta, faz revolução...

À hora em que escrevo estas notas, estou inquieto. Falo porque estou inquieto. Com a chuva que vem caindo como bênção fecundante da terra sequiosa, agrava-se o problema daqueles que não têm tecto para se abrigarem. Ontem, domingo, não me largaram quase todo o dia. Eram mães, no geral, com os filhos ao colo, a clamar por socorro. Não quero que passem o Natal desabrigados. Quero dar sentido à Festa do Natal. Quero responder de maneira diferente

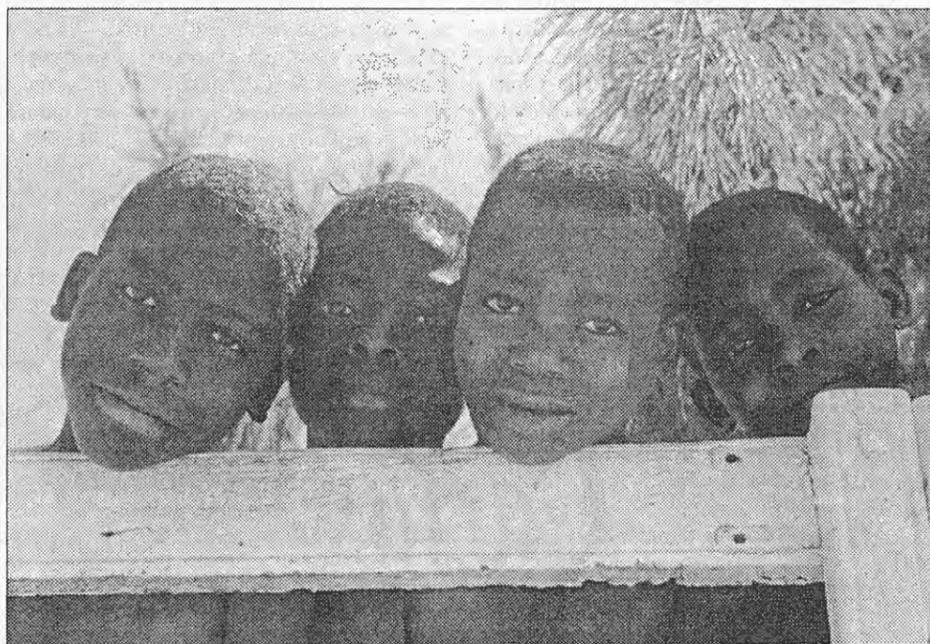
daquele tempo, na hora do nascimento do Filho de Deus. Já comprei as chapas. Aguardo, somente, um bocadinho de tempo para as levar ao destino.

Deste modo, como naquele tempo, os Pobres não-de cantar de alegria com a chegada do Salvador. A Salvação trazida e oferecida por Jesus Cristo no Natal, tem fortes ressonâncias soeiais. O cântico do *Magnificat* é revolucionário. Faz a mudança pacífica, sem destruição. Só constrói. Estas coisas só se entendem bem quando se experimentam. Quero estar com esta gente pobre e miserável para levar os que são ricos a esvaziarem-se dos seus bens em favor dos que não têm nada. Vejo com muita preocupação, o nascimento duma classe social privilegiada que tem tudo, ao lado da maioria sem o necessário para sobreviver. Não é uma linguagem demagógica, não. É a realidade que tocamos. A força do testemu-

nho, ainda mais que a força da palavra, é a forma mais eficaz de ajudar a construir a Angola solidária.

Do lugar onde escrevo, oiço o barulho das máquinas da nossa carpintaria. Ali ganha-se o pão e preparam-se rapazes para a vida. É o caminho certo da reconstrução do País. São poucos, é verdade. Mas quando todos dão as mãos, de pouco faz-se muito. É uma filosofia simples que dá frutos.

São felizes os que fazem o bem. A seu tempo colherão o fruto. A nossa escola está a gerar homens e mulheres para Angola. Doutrou modo ficariam pelo caminho. Não imaginam o bem que nos foi feito com o material escolar que nos chegou, em tempo, por um contentor! Que maravilha! Quando nos disseram que era material fora de moda na terra donde veio, mais contentes ficámos porque demos valor ao que se julgava inútil. Cadernos, lápis, esferográficas e mais, são



instrumentos de valorização das crianças e dos adultos. Sim, que os adultos também gostam e querem aprender.

Hoje mesmo recebi os papéis para levantar uma grande ajuda que nos chegou da Obra da Rua, duma das Casas do Gaiato. As nossas mãos dão, na medida em que outras nos ajudam. Como seria possível doutro modo? A quem nos pergunta pelo segredo da nossa

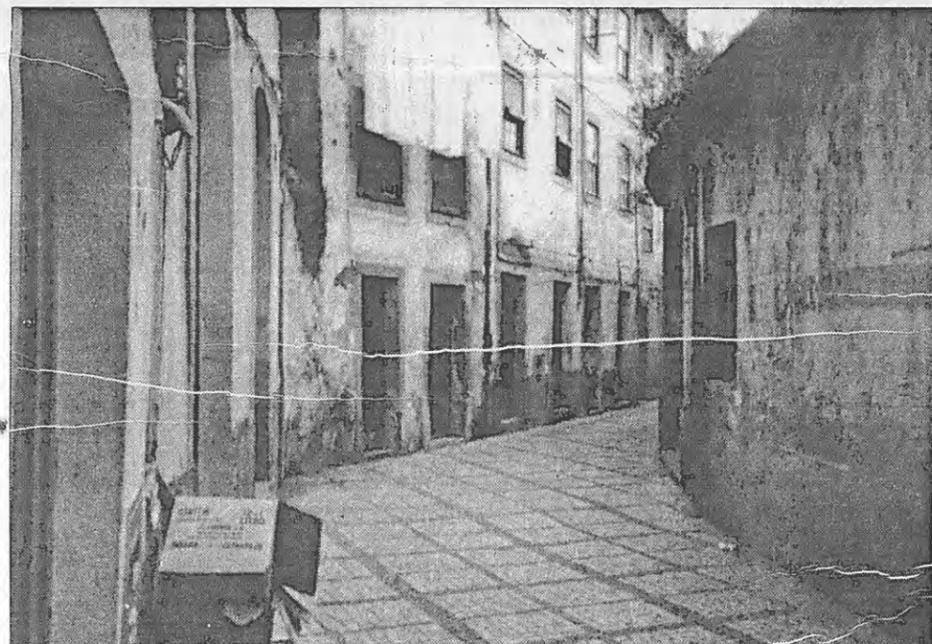
vida, nas condições sociais e materiais em que estamos, dizemos que é a Obra da Rua e a corrente de amor que passa por ela. Deste modo ajudamos a pôr de pé e a caminhar as crianças que temos connosco, mais as que vivem à sombra do nosso tecto. No geral, há uma ligação afectiva, nascida do dar e receber, tão profunda como a da família de sangue normal.

Estamos a caminhar para o fim do ano escolar. Mais um passo em frente. Alegrem-nos ver o interesse que alguns têm pela escola. Só por estes vale a pena o esforço grande que fazemos. Outros aproveitam menos. Que seria deles se não estivessem connosco?

Que tenham passado um Natal com paz e alegria.

Padre Manuel António

PATRIMÓNIO DOS POBRES



Vista do Beco do Moreno. As aparências mostram bem o que vai lá por dentro.

Há muitos Becos do Moreno

A encomenda de carvão de pedra para a nossa serralharia levou-nos ao depósito dele, situado no Beco do Moreno.

Há anos que não passávamos por aquelas ruas e, diante daquele panorama, ficámos com a impressão de que nada mudou desde o tempo em que Pai Américo — que por ali passava assiduamente — publicou a angústia que sentiu na ternura filial da criança que o marcou para toda a vida:

«Foi no Beco do Moreno, em Maio de trinta e cinco, que o miúdo me apareceu. Enquanto que as grandes artérias das grandes cidades mudam frequentemente de nome consoante as paixões mai-los acontecimentos do tempo, os becos e vielas das mesmas tomam a sorte de quem lá mora — nem nome nem condição. Ninguém faz caso.

Passava eu por ali, naquele mês e ano, quando um garoto da rua embarga o meu caminho num angustioso e imperativo — Venha ver o meu pai que está na cama e a gente passamos fome!

O casebre era ali mesmo. Subi a escada apoiado ao corrimão e aos ombros do rapaz, sempre a dizer-me baixinho: — Não caia, meu senhor! Que se os perigos dos Alpes são grandes pela altura, aqui não são

menores pela escuridão. Entrei no cubículo. Coisas e formas emergiam da sombra, lentamente. Reconheci o homem com quem falava. Nós éramos conhecidos.»

A foto — ao lado — dá o aspecto de abandono em que parte dos edifícios habitados continuam e já lá vão sessenta e dois anos.

Esperança e alegria

Trouxe alguma esperança e alegria a notícia, na Imprensa diária, da promessa dum vereador que anunciou:

«A Câmara Municipal vai reabilitar um conjunto de imóveis degradados, a maioria deles situados na Baixa. A ideia é criar novas habitações.»

Ao recuperar os imóveis degradados, a Câmara Municipal dá o exemplo para a reabilitação da Baixa e um incentivo ao aproveitamento dos programas em curso.»

A Baixa está cheia de Becos do Moreno. Pouco se tem feito de bem por ali. Esperamos agora que a Câmara, presidida por autarca reeleito, ele e seus companheiros de equipa não fiquem nas palavras de promessa, palavras que podem ser levadas pelo vento, mas ponham mãos à obra, sem desânimos. Os Pobres estão sempre à espera nas ruínas onde têm de viver.

Padre Horácio